

Comportamento Demográfico dos Índios Kamaiurá, Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso, Brasil (1970-1999) *

Heloisa Pagliaro*
Luciana G. dos S. Mendaña*
Douglas Rodrigues*
Roberto G. Baruzzi*

Palavras chave: Kamaiurá; demografia dos povos indígenas; índios da América do Sul; Parque Indígena do Xingu.

Resumo

Este trabalho analisa a dinâmica demográfica dos índios Kamaiurá, moradores do Parque Indígena do Xingu (PIX), Mato Grosso, Brasil, no período de 1970 a 1999. O levantamento de informações inclui dados do registro contínuo de eventos vitais dos arquivos do Programa de Saúde da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) no PIX, de diários de campo antropóloga Carmen Junqueira e de visitas dos autores à aldeia Kamaiurá. Os Kamaiurá são índios de língua Tupi, que, juntamente com outras nove tribos de línguas Aruak, Karib, Tupi e Trumai habitam a região dos formadores do rio Xingu, ao norte do estado do Mato Grosso. A grande homogeneidade cultural entre essas tribos é evidenciada em múltiplos aspectos, como a forma e a disposição das aldeias, tipo de habitação, hábitos alimentares, reclusão pubertária, pinturas e adornos corporais, uso do *uluri* pelas mulheres, festas e cerimônias, como o Kuarup de caráter intertribal. Este padrão cultural comum teria resultado da longa ocupação de uma mesma área geográfica e da frequência de casamentos intertribais. Em 1970, as aldeias os Kamaiurá contavam 134 indivíduos e, em 1999, 341. O crescimento médio da população neste período foi de 3,1% ao ano, a TBN de 41,2 nascimentos por mil hab. e a TBM de 8,5 óbitos por mil hab.

* Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004.

* Demógrafa, Departamento de Medicina Preventiva, UNIFESP/EPM.

♦ Graduanda em Ciências Médicas, UNIFESP/EPM.

♦ Médico, Coordenador do Programa de Saúde UNIFESP/Parque Indígena do Xingu.

♦ Professor Titular, Departamento de Medicina Preventiva da UNIFESP/EPM.

Comportamento Demográfico dos Índios Kamaiurá, Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso, Brasil (1970-1999) *

Heloisa Pagliaro*
Luciana G. dos S. Mendaña*
Douglas Rodrigues*
Roberto G. Baruzzi*

Introdução

Os Kamaiurá

Os Kamaiurá são índios de língua Tupi que, juntamente com outras nove tribos de línguas Aruak, Karib, Tupi e Trumai, habitam a região dos formadores do rio Xingu, ao norte do estado do Mato Grosso. A grande homogeneidade cultural entre essas tribos é evidenciada em múltiplos aspectos, como a forma e a disposição das aldeias, tipo de habitação, hábitos alimentares, reclusão pubertária, pinturas e adornos corporais, uso do *uluri*¹ pelas mulheres, festas e cerimônias, como o *Kuarup* de caráter intertribal. Este padrão cultural comum teria resultado da longa ocupação de uma mesma área geográfica e da frequência de casamentos intertribais.

As primeiras referências aos Kamaiurá foram feitas em 1884 e 1887 por Karl von den Steinen (1940; 1942), que encontrou estes índios próximos da lagoa do Ipavu, no Alto Xingu. Transcorridos mais de 100 anos, os Kamaiurá estão, atualmente, divididos em duas aldeias: Ipavu, próxima da lagoa do mesmo nome, e Morená, localizada mais ao norte, na junção dos rios Culuene, Batovi e Ronuro, que formam o rio Xingu.

Desde 1965, a Escola Paulista de Medicina (EPM), atual Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) desenvolve ações de saúde no Parque Indígena do Xingu (PIX), tendo instituído um sistema de cadastramento médico da população (Baruzzi, Marcopito, Iunes, 1978). Datam do início do programa de saúde os primeiros registros médicos dos Kamaiurá, dentro de um sistema de informações que vigora até o presente (id ibidem). A partir de 1999, a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) passou a ser responsável pela saúde dos povos indígenas, sendo criados 34 Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI). Coube à UNIFESP coordenar o DSEI – Xingu, que engloba hoje 14 povos indígenas.

* Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004.

* Demógrafa, Departamento de Medicina Preventiva, UNIFESP/EPM.

♦ Graduanda em Ciências Médicas, UNIFESP/EPM.

♦ Médico, Coordenador do Programa de Saúde UNIFESP/Parque Indígena do Xingu.

♦ Professor Titular, Departamento de Medicina Preventiva da UNIFESP/EPM.

¹ *Uluri*: pequeno cinto pubiano.

Material e Métodos

A presente investigação avalia a dinâmica demográfica dos Kamaiurá entre os anos de 1970 e 1999, integrando um estudo mais amplo, ainda não concluído². As informações utilizadas foram extraídas das fichas médicas e dos livros de registro de eventos vitais do arquivo do programa de saúde da UNIFESP no PIX., o qual é realimentado regularmente pelas equipes de saúde.

Os dados disponíveis viabilizaram a reconstrução da população por idade e sexo, para cada ano do período citado. O registro contínuo dos nascimentos e óbitos proporcionou a obtenção de uma série de estatísticas vitais e a estimativa de coeficientes de natalidade e de mortalidade, além do cálculo de outros indicadores demográficos que proporcionaram a avaliação da dinâmica demográfica dos Kamaiurá nesse período. Para contornar as flutuações dos valores dos indicadores estimados, resultantes do pequeno volume populacional, optou-se por estimativas de taxas médias, calculadas para períodos de cinco anos.

Os diários de campo da antropóloga Carmen Junqueira, estudiosa dos Kamaiurá há mais de três décadas, foram outra fonte importante de informações, sendo extraídas as contagens da população no final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970.

Levantamentos de campo realizados na aldeia Kamaiurá, em julho e setembro de 2003, complementaram e atualizaram as informações sobre essa população.

População

Quando o antropólogo Kalervo Öberg visitou os Kamaiurá, em 1948, eles haviam abandonado sua aldeia nas proximidades da lagoa do Ipavu, em razão de uma epidemia de gripe, e viviam às margens do rio Tuatuari, afluente da margem direita do rio Culuene, numa aldeia que possuía 6 casas e 110 habitantes. Entre estes viviam cinco mulheres Suiá, duas ou três Waurá, uma Meinaco, três ou quatro homens Waurá e dois irmãos Juruna (Öberg, 1953).

Ainda no ano de 1948, Eduardo Galvão esteve na aldeia do Tuatuari, aonde realizou estudo sistemático sobre estes índios. A aldeia possuía então 5 casas, pois uma havia sido incendiada e estava sendo reconstruída, a população contava 55 homens e 55 mulheres (Galvão, 1979).

Em 1954, uma epidemia de sarampo, que tem início no Posto Jacaré, antigo posto da Fundação Brasil Central, no rio Culuene, próximo ao Posto Indígena Capitão Vasconcelos, acometeu uma população de cerca de 600 índios, causando 114 óbitos. (Leão da Motta, 1954). Um relatório do médico Lourival Seroa da Motta, encaminhado à presidência da Fundação Brasil Central no mesmo ano, a respeito da epidemia, relaciona nominalmente os 253 índios atendidos no PI Capitão Vasconcelos entre os meses de junho e agosto de 1954. Estas cifras incluíam 112 Kamaiurá, dos quais 15 faleceram (Seroa da Motta, 1954, SPI, filme 380).

Por ocasião do primeiro exame realizado pela equipe médica da EPM, em 1966, a aldeia dos Kamaiurá estava localizada nas proximidades da lagoa do Ipavu, sendo formada

² Projeto: “Nutrição, Diabetes e Determinantes Socioculturais em Índios Kamaiurá. Alto Xingu, Brasil Central. Convênio UNIFESP/PUC/FUNASA/UNESCO.

por 5 casas, habitadas por 110 pessoas. A alta mortalidade registrada durante a epidemia de sarampo entre os Kamaiurá foi responsável pela manutenção de um volume populacional estável, em torno de 110 habitantes, verificado no período que se estende entre 1948 e 1966.

Em 1968, conforme levantamento de campo realizado por Junqueira (s/d), os Kamaiurá viviam em 6 casas e perfaziam uma população de 121 habitantes. Em outra visita aos Kamaiurá, em 1971, Junqueira registrou uma população de 131 indivíduos, vivendo em 7 casas (1978).

Uma cisão do grupo levou a abertura de uma segunda aldeia no Morená, em 1985, às margens do rio Xingu, local sagrado dos Kamaiurá, aonde vivera *Mavutsnin*, criador dos índios do Alto Xingu. Em dezembro de 2002, segundo o levantamento realizado em campo, a aldeia do Ipavu contava com 333 habitantes, vivendo em 18 casas, sendo uma delas situada no lado oposto da lagoa, numa localidade denominada Fazenda Gaúcha. A aldeia Morená possuía 5 casas e 45 habitantes. A população das duas aldeias somava 378 habitantes.

Dinâmica da População entre 1970 e 1999

De 1970 a 1999 a população das aldeias Kamaiurá passou de 134 a 345 habitantes. A Tabela 1 a seguir mostra as variações do volume desta população e as suas taxas de crescimento médio anual por períodos de cinco, dez e trinta anos. O crescimento da ordem de 2% ao ano, registrado entre 1970/74, estabilizou-se num patamar que variou entre 3,1 a 3,9% nos anos subsequentes, resultando numa taxa média de 3,1% ao ano no período 1970-99.

Tabela 1
Evolução da População Kamaiurá e Taxas Médias de Crescimento Anual
1970- 1999

Anos	População	Taxas Médias de Crescimento (%)		
		5 anos	10 anos	Total
1970	134			
		2,0		
1974	150		2,6	
		3,1		
1979	175			
		3,3		
1984	206		3,6	3,1
		3,9		
1989	250			
		3,1		
1994	291		3,1	
		3,2		
1999	345			

Fonte de Dados Brutos: USMA - DMP/UNIFESP/EPM

Contribuíram para este ritmo de crescimento, o crescente número de nascimentos e o reduzido número de mortes, tendo sido irrelevante o número de entradas e saídas da população. Entre 1970 e 1999 nasceram 273 crianças e morreram 50 indivíduos, o que resultou num incremento vegetativo de 223 pessoas.

O saldo migratório, resultante de casamentos intertribais, foi negativo (-12). Entre 1970 e 1999, 4 indivíduos de outras tribos moradoras do Parque se mudaram para aldeias Kamaiurá e 16 Kamaiurá mudaram-se para aldeias de outras tribos.

Como resultado desse crescimento *intrínseco e extrínseco* têm-se um aumento líquido de 211 indivíduos, equivalendo a um volume populacional 1,6 vezes superior ao da população inicial.

Níveis e Padrões de Mortalidade

Mortalidade geral

As taxas brutas de mortalidade observadas para o conjunto da população oscilaram durante os anos de 1970 a 1999, tendo variado de 5 a 10 mortes por mil habitantes entre os quinquênios (Tabela 2). Em todo período, a mortalidade masculina foi mais alta do que a feminina.

Tabela 2

Taxas brutas de mortalidade observadas entre os Kamaiurá por sexo, 1970-99

Períodos	Masculino	Feminino	Total
1970/74	10,2	3,1	7,0
1975/79	11,7	8,1	10,0
1980/84	12,3	2,1	7,3
1985/89	8,7	3,4	6,0
1990/94	12,9	5,8	9,3
1995/99	6,3	3,7	5,0

Fonte de dados brutos: USMA - DMP/UNIFESP/EPM

Mortalidade diferencial por idades e sexo

Entre 1970 e 1999 foram registradas 50 mortes na população Kamaiurá, sendo 34 no sexo masculino e 16 no feminino. A Tabela 3 mostra o número absoluto de óbitos por sexo e idades, para períodos de cinco anos e a mortalidade proporcional para o conjunto do

período. Por ser um indicador fortemente afetado pela estrutura etária, a mortalidade proporcional do conjunto da população mostra baixa proporção de óbitos em menores de 1 ano de idade (12%). A maior proporção de óbitos registrou-se no grupo etário de 20 a 49 anos (38%), destacando-se, também, os grupos etários de 15 a 19 anos e de > de 50 anos, ambos com 18% do total de óbitos. A baixa proporção de óbitos de > de 50 anos estaria indicando uma média de vida relativamente baixa. Na comparação entre os sexos, destaca-se a elevada proporção de óbitos na faixa dos 15 a 19 anos, para o sexo masculino (23,5%), versus 6,3% para o feminino nesta mesma faixa etária.

Tabela 3
Números óbitos dos Kamaiurá por sexo e idades e mortalidade proporcional, 1970-99

Grupos Etários	1970/74	1975/79	1980/84	1985/89	1990/94	1995/99	1970-1999	
	N	N	N	N	N	N	N	%
TOTAL								
< 1 ano				2	1	3	6	12,0
1 a 14	1	1	1	2	2		7	14,0
15 a 19	1	1	2	1	3	1	9	18,0
20 a 49	3	5	4	2	3	2	19	38,0
> 50		1	2		4	2	9	18,0
Total	5	8	9	7	13	8	50	100,0
SEXO MASCULINO								
< 1 ano	—	—	—	1	—	2	3	8,8
1 a 14	—	1	—	1	2	—	4	11,8
15 a 19	1	1	2	1	3	—	8	23,5
20 a 49	3	3	2	2	2	2	14	41,2
> 50	—	—	2		2	1	5	14,7
Total	4	5	6	5	9	5	34	100
SEXO FEMININO								
< 1 ano				1		1	2	12,5
1 a 14	1		1	1	1		4	25,0
15 a 19						1	1	6,3
20 a 49		2	2		1		5	31,2
> 50		1			2	1	4	25,0
Total	1	3	3	2	4	3	16	100,0

Fonte de dados brutos: USMA- DMP/UNIFESP/EPM

As taxas específicas de mortalidade por grupos etários e sexo dessa população constam da Tabela 4. Medida mais refinada de mortalidade, por ser proporcional à estrutura etária, este indicador mostra que, no conjunto do período 1970/99 e para ambos os sexos, os mais elevados níveis de mortalidade são encontrados nas faixas etárias de menores de 1 ano e maiores de 50 anos, destacando-se também o grupo de 15 a 19 anos. Para o sexo masculino destacam-se os grupos etários de 15 a 19 anos e de < de 1 ano, com

23,9 e 22,6 óbitos por mil habitantes, respectivamente, e, no sexo feminino, os grupos de >de 50 anos e < de 1 ano, com, 15,0 e 14,8 óbitos por mil habitantes.

Tabela 4

Taxas de mortalidade dos Kamaiurá por grupos etários e sexo, 1970-99

Idades	1970/74	1975/79	1980/84	1985/89	1990/94	1995/99	1970/99
Total							
< 1 ano	–	–	–	39,2	15,9	49,2	18,7
1 a 14	3,3	3,2	2,5	4,0	3,2	–	2,8
15 a 19	17,9	9,4	22,0	9,0	23,3	6,0	13,3
20 a 49	11,1	17,1	5,6	5,4	7,3	4,6	8,7
> 50	–	20,0	2,6	–	22,7	10,4	14,2
Masculino							
< 1 ano	–	–	–	33,3	32,3	69,0	22,6
1 a 14	–	6,1	–	6,1	6,1	–	2,9
15 a 19	25,0	18,5	42,6	23,3	41,1	–	23,9
20 a 49	20,8	19,1	9,9	10,0	10,2	8,8	12,2
> 50	–	–	42,6	–	19,2	9,3	13,5
Feminino							
< 1 ano	–	–	–	47,6	–	31,3	14,8
1 a 14	6,5	–	4,6	3,7	3,1	–	2,7
15 a 19	–	–	–	–	–	9,4	2,9
20 a 49	–	14,7	–	–	4,7	–	4,8
> 50	–	71,4	–	–	24,1	11,9	15,0

Fonte de dados brutos: USMA- DMP/UNIFESP/EPM

A análise das taxas de mortalidade infantil fica prejudicada em razão do pequeno número de óbitos infantis declarados, apenas 5, entre 1970 e 1999, resultando numa taxa média de 18,3 óbitos cada mil nascimentos. Neste sentido, deve ser ressaltado que as crianças sacrificadas ao nascer não são registradas.

Segundo Junqueira (1978) a prática do infanticídio é eticamente aceita entre os Kamaiurá como forma de impedir a sobrevivência de gêmeos, de crianças mal formadas fisicamente ou concebidas em situações em que o status da mulher leva ao abortamento provocado. Quando as tentativas de aborto fracassam – infusões de ervas e processos mecânicos – os recém-nascidos são enterrados logo após o nascimento. As circunstâncias

em que esta prática ocorre podem variar entre a gravidez de viúvas em período de luto, quando devem se abster de relações sexuais; a gravidez de mulheres solteiras cujo parceiro não deseja a união, situação em que a mãe não pode arcar com a responsabilidade de criar o filho sozinha; e entre mulheres casadas que engravidam em consequência de relações extra-conjugais.

Natalidade

As taxas brutas médias de natalidade, apresentadas na Tabela 5, apontam para uma tendência de aumento até o período 1985/89 e de declínio a seguir, ficando em torno de 41,2 nascimentos por mil habitantes, na média do período 1970-99.

Tabela 5
Nascimentos, População e Taxas Brutas Médias de Natalidade dos Kamaiurá, 1970-99

Períodos	Nascimentos	População acumulada	TBN Média (por mil)
1970/74	25	711	35,2
1975/79	32	816	39,2
1980/84	41	963	42,6
1985/89	53	1161	45,7
1990/94	58	1377	42,1
1995/99	64	1597	40,1
1970/99	273	6625	41,2

Fonte de dados brutos: USMA - DMP/UNIFESP/EPM

A razão de sexo ao nascer, na média do período 1970/99, mostrou equilíbrio numérico entre o nascimento de meninos e meninas ($RS = 0,99$), tendo oscilado entre 0,46 e 1,41 nos quinquênios analisados, como mostra a Tabela 8. Dado que os Kamaiurá não praticam o *infanticídio* preferencial por sexo, o pequeno volume da população explicaria as variações das razões de sexo ao nascer de um quinquênio a outro.

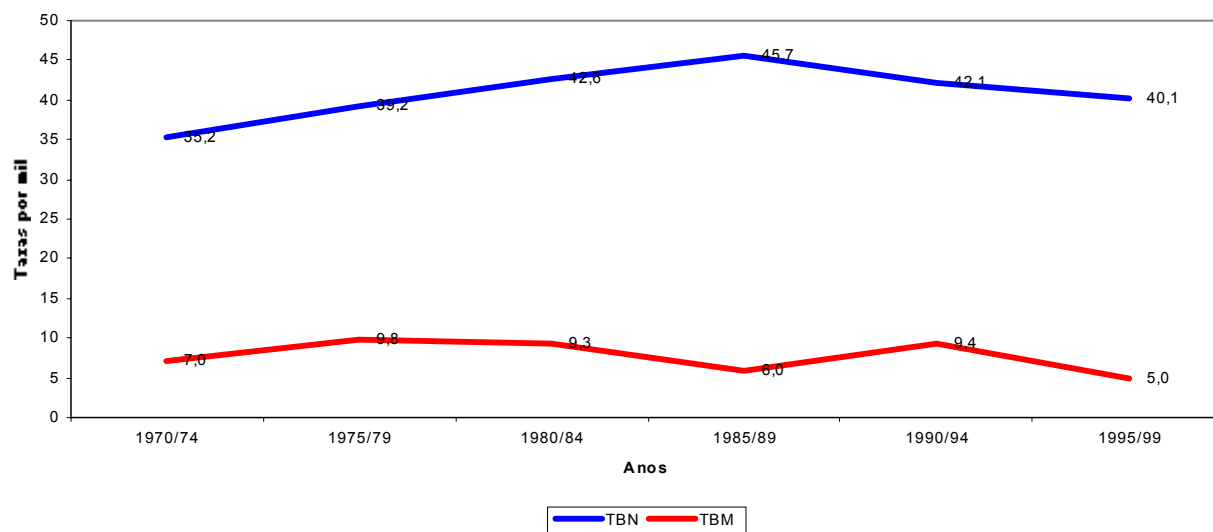
Tabela 6
Razões de Sexo dos Nascimentos dos Kamaiurá,
1970-99

Períodos	Razões de sexo
1970/74	1,08
1975/79	1,13
1980/84	0,46
1985/89	1,41
1990/94	1,15
1995/99	0,94
1970/99	0,99

Fonte de dados brutos: USMA- DMP/UNIFESP/EPM

A Figura 1 mostra o comportamento das taxas brutas médias de natalidade e de mortalidade no período 1970-1999. A manutenção de níveis de mortalidade geral num patamar que oscilou entre 5 e 9,8 óbitos gerais por mil habitantes, combinada aos crescentes níveis de natalidade até 1985/89 e ao declínio observado a seguir, proporcionam a visualização do crescimento vegetativo dessa população e a identificação do período de maior crescimento, 1985-89.

Figura 1
Taxas Brutas de Natalidade e de Mortalidade Observadas entre os Kamaiurá
(PIX) - 1970/99



Estrutura da População

A estrutura por idade e sexo da população Kamaiurá, em 1970 resulta das gerações sobreviventes até aquele ano, refletindo os níveis e padrões de mortalidade e de fecundidade passados, sobre os quais pouco se conhece.

A evolução dessa estrutura pode ser visualizada nas pirâmides construídas em números relativos para os anos de 1970 e 1999, apresentadas nas figuras 2 e 3.

As principais modificações observadas nestas pirâmides dizem respeito: à manutenção de suas bases, que permanecem com o mesmo tamanho, variando somente nas proporções de cada sexo; ao estreitamento nas idades adultas, refletindo o aumento do peso relativo dos > de 50 anos e a alta mortalidade passada, especialmente por ocasião da epidemia de gripe de 1954; ao prolongamento e alargamento da cúspide.

Em resumo, a estrutura etária mantém-se jovem no período observado, devido a níveis de natalidade e de mortalidade razoavelmente constantes no período. Para 1999, a estrutura assume contornos mais regulares e desenho compatível com o de populações jovens, destacando-se o prolongamento e alargamento da cúspide, demonstrando o aumento da longevidade dessa população nos últimos trinta anos.

Figura 2
Pirâmide Etária dos Kamaiurá, 1970

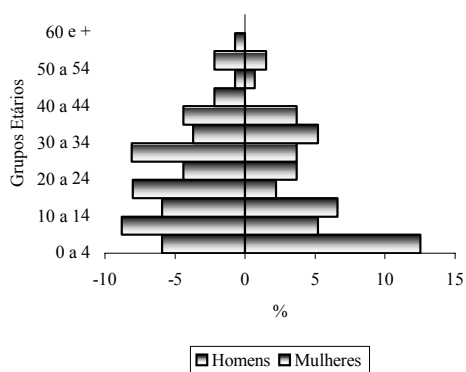
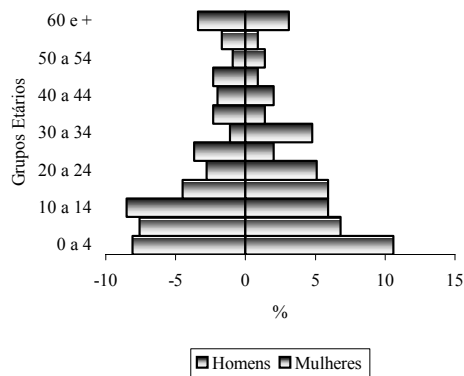
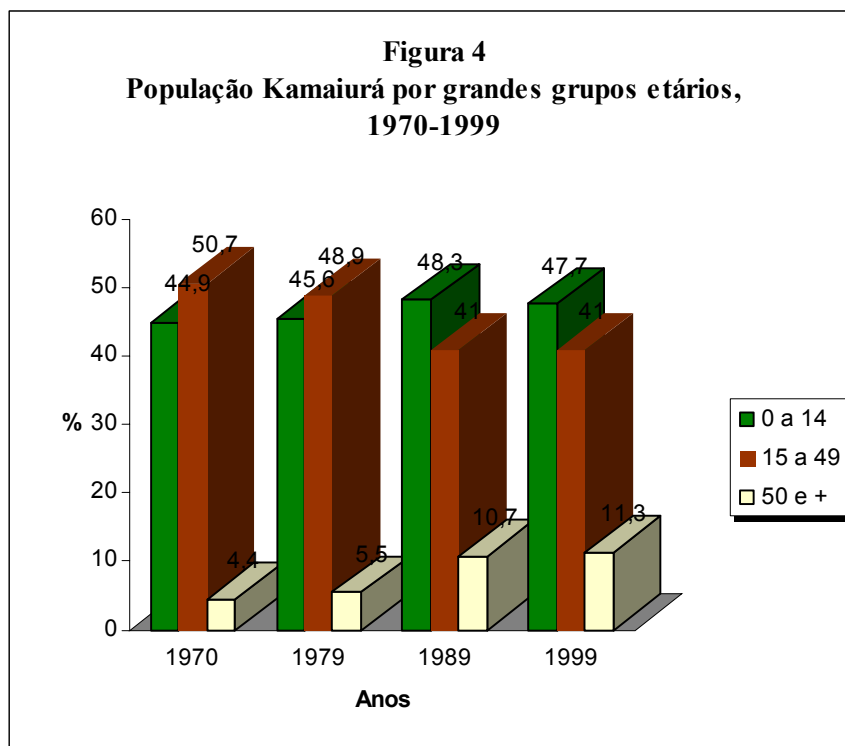


Figura 3
Pirâmide Etária dos Kamaiurá, 1999



O padrão etário caracterizado pela manutenção de uma estrutura jovem, com sinais de envelhecimento, confirma-se no exame da distribuição da população por grandes grupos etários (Figura 4). Entre 1970 e 1999, a proporção de população com idades até 14 anos se manteve estável, variando de 47,1% para 46,6% e, a de população maior de 50 anos aumentou de 5,3% para 10,9%, repercutindo na redução das proporções do grupo 15 a 49 anos, de 53,4% para 42,5%.



Discussão

Entre 1970 e 1999 a população Kamaiurá cresceu, em média, 3,1% ao ano, sendo o crescimento vegetativo ou natural o componente responsável por este ritmo de crescimento, dado que o saldo migratório foi irrelevante e negativo neste período.

Ritmo de crescimento superior ao dos Kamaiurá tem sido observado nas últimas décadas em diversas populações indígenas no Brasil, principalmente entre aquelas assistidas por programas de saúde. Entre os Waurá, também moradores da região do Alto Xingu, verificou-se um crescimento médio anual, no período 1970/99, de 4,8% ao ano (Pagliaro e col., 2001). Para os Juruna e os Kaiabi, povos moradores da região central e norte do Parque Indígena do Xingu, o ritmo de crescimento médio anual verificado nesse mesmo período foi de 4,9 e 5,2%, respectivamente (Pagliaro e col., 2003; Pagliaro, 2002). Entre os Xavante de Pimentel Barbosa e de Sangradouro-Volta Grande (MT), o crescimento médio observado foi próximo de 5% ao ano (Flowers, 1994; Souza e Santos, 2001).

Apesar das dificuldades advindas do pequeno volume populacional e da subnumeração de óbitos em razão da prática de *infanticídio*, cultivada ainda hoje pelos Kamaiurá, as estimativas de níveis e padrões de mortalidade apontam para resultados que permitem comparar o seu comportamento ao de outros povos moradores da região do Alto Xingu. Os níveis de mortalidade geral observados no período 1970/99, oscilaram entre 5 e 10 óbitos por mil habitantes, sendo semelhantes aos encontrados entre os Waurá, cujas estimativas variaram de 4 a 9 óbitos por mil habitantes (Pagliaro e col., 2001). Para os Kaiabi, os níveis de mortalidade geral variaram entre 6,9 e 12,8 óbitos por mil habitantes

(Pagliaro, 2002). Atualmente, o nível de mortalidade do conjunto dos povos moradores do PIX é próximo de 10 óbitos por mil habitantes (Rodrigues, 2002).

Os níveis de mortalidade encontrados entre os Kamaiurá foram mais elevados para o sexo masculino, apontando para tendência já observada em outras populações indígenas moradoras do PIX (Pagliaro e col., 2001; Pagliaro, 2002; Pagliaro e col. 2003).

A análise da mortalidade proporcional mostrou que 12% dos óbitos registrados no período 1970-99 se deram em <de 1 ano, proporção que pode ser considerada baixa se comparada à encontrada entre os Xavante de Sangradouro-Volta Grande, 55,2%, entre 1993 e 1997 (Souza e Santos, 2001). A taxa média de mortalidade infantil foi de 18,3 óbitos a cada mil nascimentos nesse mesmo período, sendo inferior à TMI do conjunto dos povos indígenas do PIX em 1999, de 29,6 óbitos por mil nascimentos (Rodrigues, 1999). Os Kamaiurá, assim como outros povos do Alto Xingu, continuam mantendo o *infanticídio* como prática cultural eticamente aceita, justificando-se no caso de nascimento de gêmeos, crianças defeituosas ou nascidas de uniões instáveis (Junqueira 1978; 2002).

Chama a atenção, também, a elevada proporção de óbitos masculinos na faixa etária de 15 a 19 anos, 23,5% do total. Estes óbitos, com exceção de um, foram causados por envenenamento, provocado pela ingestão de infusão de plantas nativas num ritual de depuração presente no período de reclusão pubertária dos rapazes. Na seqüência destes óbitos, outros ocorrem, desta feita por homicídios praticados contra os acusados de terem causado as mortes por feitiço de jovens em reclusão. Em razão desta prática cultural, comum entre os povos do Alto Xingu, a taxa de mortalidade de rapazes Kamaiurá, com idades entre 15 e 19 anos, foi de 23,9 óbitos por mil indivíduos neste grupo etário. Entre os Kaiabi, por exemplo, que abandonaram a prática cultural da reclusão pubertária de rapazes, a taxa de mortalidade masculina nesta faixa etária foi de 3,2 óbitos por mil, também no período 1970/99 (Pagliaro, 2002).

A avaliação desses indicadores conduz à discussão sobre a relação existente entre padrões culturais e padrões demográficos dos povos indígenas, que entre os Kamaiurá configura-se claramente na exposição de dois grupos etários a condições de alto risco de morte em razão de práticas culturais – os recém nascidos e os rapazes de 15 a 19 anos - sujeitos, o primeiro, ao *infanticídio*, e, o segundo, às mortes por *envenenamento* no período de reclusão pubertária.

Os níveis de natalidade encontrados entre os Kamaiurá, variaram de 35,2 a 45,7 nascimentos por mil habitantes, entre 1970 e 1999, sendo mais baixos do os estimados para os Kaiabi, que ingressaram no Parque após conflitos com invasores de suas terras nos rios Arinos e Teles Pires e iniciaram um processo intencional de recuperação populacional. Entre estes índios, as taxas de natalidade variaram de 50 a 57 nascimentos por mil habitantes, nesse mesmo período (Pagliaro, 2002) Entre os Xavante de Pimentel Barbosa (MT), Flowers (1994) encontrou uma taxa bruta média de natalidade de 51,4 nascimentos vivos por mil habitantes para o período 1977-1990. Para os Xavante de Sangradouro-Volta Grande, a TBN estimada por Souza e Santos (2001) foi de 57,7 por mil, entre 1993-1997.

Considerações finais

As modificações observadas no comportamento demográfico dos Kamaiurá apontam para o seu crescimento em ritmo que pode ser considerado quase constante, entre 1970 e 1999, acompanhando a tendência de crescimento esboçada por outros grupos indígenas do PIX e de outras regiões do país, embora se diferencie pela constância de seu ritmo.

Altos níveis de natalidade, apesar de inferiores aos níveis observados entre algumas populações indígenas moradoras do território brasileiro nas últimas décadas do século XX, contribuíram para a expansão das novas gerações Kamaiurá, garantindo a sobrevivência física do grupo. Níveis de mortalidade relativamente baixos e estáveis resultaram da melhoria das condições de saúde, propiciando o aumento da sobrevivência de crianças, jovens, adultos e idosos, assegurando maior longevidade à população.

Referências Bibliográficas

- BARUZZI, R.G.; MARCOPITO, L.F.; IUNES, M. Programa Médico Preventivo da Escola Paulista de Medicina no Parque Nacional do Xingu. *Revista de Antropologia*. São Paulo:USP, 21:155-170, 1978.
- FLOWERS, N. M. Crise e recuperação demográfica: os Xavante de Pimentel Barbosa, Mato Grosso. In: SANTOS, R.V. e COIMBRA, C.E. Jr. (orgs.). *Saúde dos Povos Indígenas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p. 213-242.
- GALVÃO, E. *Encontro de Sociedades: Índios e brancos no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Estudos Brasileiros; vol. 29).
- JUNQUEIRA, C. *Os Índios do Ipavu. Um estudo sobre a vida do grupo Kamaiurá*. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1978.
- _____. *Sexo e Desigualdade entre os Kamaiurá e os Cinta Larga*. São Paulo: Olho D'água/CAPES, 2002
- _____. *Diários de Campo gentilmente cedidos (manuscrito)*, s/d.
- MOTTA, J. L. da. *A epidemia de sarampo no Xingu. Relatório apresentado à direção do SPI, 1954*. 12p. (mimeografado).
- MOTTA, L. S. *Relatório da epidemia de sarampo no Xingu*. Arquivo do Museu do Índio, 1954. Filme 380, fotogramas 254-272 (microfilmado).
- ÖBERG, K. *Indian Tribes of Northern Mato Grosso, Brasil*. Washington: Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology, 1953 (Publicação nº 15).
- PAGLIARO, H. *A Revolução Demográfica dos Povos Indígenas no Brasil: a experiência dos Kaiabi do Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso, Brasil – 1970-1999*. [Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo], 2002.
- PAGLIARO, H.; MENDAÑA, L. G. S.; RODRIGUES, D.; BARUZZI, R.G. *Comportamento demográfico dos índios Waurá no final do século XX*. *Anais da XXIV General Population Conference*. Salvador: IUSSP, 2001.
- PAGLIARO, H.; SANCHEZ, L.G.; BRANDÃO, R.A.L.; BARUZZI, R.G. *Índios Juruna (Yudjá): Comportamento Demográfico e Condições de Saúde, Parque Indígena do Xingu, 1970-1999*. *Revista Ciência & Epidemiologia, Suplemento Especial do VII Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva (Livro de Resumos)*. Rio de Janeiro: ABRASCO/FIOCRUZ, v.8, p.620, 2003.

RODRIGUES, D. (coord.). Relatório de Atividades. Distrito Sanitário Especial Indígena do Xingu. São Paulo: DMP/USMA/UNIFESP-EPM, 2002.

SOUZA, L.G. de; SANTOS, R. V. Perfil demográfico da população indígena Xavante de Sangradouro – Volta Grande, Mato Grosso (1993-1997), Brasil. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 17(2):355-366, 2001.

STEINEN, K. V. D.. Entre os Aborígenes do Brasil Central. São Paulo: Departamento de Cultura, Separata da Revista do Arquivo, nos. XXXIV e LVIII, tradução de Egon Schaden, 1940, p. 179-206.

_____.O Brasil Central. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942.